

( ) Graduação ( x ) Pós-Graduação

**EDUCAÇÃO INTEGRAL EM TEMPOS DE IA, CINISMO BUROCRÁTICO E  
NARRATIVAS EM DISPUTAS NA SOCIEDADE DO CANSAÇO E DO  
ESPETÁCULO**

**Josenildo da Silva Lemos**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN**  
**josenildolemoscienciassociais@gmail.com**

**RESUMO**

Este artigo explora o cansaço em jovens de Serrinha/RN no ensino integral, usando teorias de Han e Debord. Com métodos qualitativos, revela a exaustão além da fadiga física, pressionada por desempenho e espetáculo. O estudo sugere repensar práticas educacionais, buscando considerar a realidade local dos contextos socioeducacionais em questão.

**Palavras-chave:** Cansaço juvenil; Ensino integral; Contextos Educacionais.

## 1 INTRODUÇÃO

A crescente prevalência do cansaço entre os jovens estudantes do ensino integral em contextos urbanos de menor escala, como é o caso do município de Serrinha, com uma população inferior a dez mil habitantes, oferece um prisma singular para investigar as dinâmicas sociais e culturais subjacentes à exaustão contemporânea. Este artigo propõe-se a explorar as manifestações e implicações do cansaço crônico entre esses jovens, ancorando-se teoricamente nos pensamentos de Byung-Chul Han (2023) e Guy Debord (2003), dois luminares cujas obras oferecem valiosas contribuições que penetram sobre a condição pós-moderna e suas reverberações na vida juvenil.

Byung-Chul Han, com sua crítica aguda à sociedade do desempenho e ao excesso de positividade, fornece um arcabouço teórico para entender o cansaço não como um mero sintoma físico, mas como uma condição existencial, uma resposta à incessante demanda por produtividade e sucesso. Guy Debord, por outro lado, com sua análise da sociedade do espetáculo, permite uma compreensão do papel das imagens, mídias e do consumo na moldagem das experiências e percepções da realidade pelos jovens. A combinação dessas perspectivas teóricas ilumina as complexas interações entre a estrutura socioeconômica de Serrinha, as práticas educacionais do ensino integral, e o estado psicossocial de seus jovens.

Este estudo se situa na intersecção da sociologia, da antropologia e da filosofia da educação, buscando contribuir para o entendimento mais amplo do fenômeno do cansaço entre os jovens em contextos educacionais intensivos. Através de uma metodologia qualitativa, que inclui entrevistas, observações participantes e análise de conteúdo, pretende-se desvelar como o cansaço se manifesta na vida desses estudantes e de que forma os discursos e práticas associados à meritocracia e ao espetáculo permeiam suas experiências diárias, impactando seu bem-estar e perspectivas futuras.

Nesse sentido, o município de Serrinha, com suas características particulares, emerge não apenas como um microcosmo para a investigação desse fenômeno global, mas também como um ponto de reflexão crítica sobre as políticas educacionais e as condições socioeconômicas que favorecem a emergência de tais estados de exaustão. Ao conjugar as reflexões teóricas de Byung-Chul Han e Guy Debord com a realidade vivenciada pelos jovens de Serrinha, este artigo almeja fornecer um olhar renovado sobre as questões de cansaço, desempenho e alienação no contexto do ensino integral, contribuindo assim para a construção de paradigmas educacionais mais conscientes e humanizados.

Ao investigar o itinerário educacional do Município de Serrinha, no Rio Grande do

Norte (RN), com vistas a compreender as práticas voltadas para educação em tempo integral, busca-se identificar elementos de singularidades e tipicidades que estão presentes no município, mas que podem ser tipificadas em outras realidades do território brasileiro. É importante perceber que as contribuições teóricas existentes sobre a educação em tempo integral são elementos de muita importância, porém, é necessário identificar quanto sua elasticidade é capaz de comportar a multiplicidade de realidades posta no território brasileiro em especial os pequenos municípios do interior do Brasil, que apresentam uma realidade rural e urbana extremamente conectada gerando um hibridismo de vivências no campo e na cidade.

Este artigo está organizado, iniciando por esta introdução, seguida da etnografia do espaço, a terceira parte traz uma apresentação teórica sobre a perspectiva do caminho para uma educação pós-humana, apontando os possíveis danos à proposta de positividade e produtividade no espaço escolar contemporâneo, algumas constatações do espaço pesquisado e análises das entrevistas. Foram entrevistados na pesquisa 62 alunos de primeira e segunda série do ensino médio integral 2023, na rede estadual no município. Neste artigo, o nome dos entrevistados não será relatado e, por fim, as conclusões deste estudo.

## **2 UMA PREVE ETNOGRAFIA DO ESPAÇO**

No contexto da pesquisa torna-se relevante considerar a realidade populacional de Serrinha no Rio Grande do Norte (RN). O município, está localizado na microrregião homônima, do Agreste Potiguar, possui uma área total de 193,351 Km<sup>2</sup> e população estimada de 6.128 pessoas. Distante, aproximadamente, 30 quilômetros da BR – 101 e 69 quilômetros de Natal, que é a capital e o maior centro comercial e industrial do Estado (IBGE, 2024).

É possível verificar que o município de Serrinha vem perdendo habitantes, tanto no setor rural quanto no urbano. Esse fenômeno, talvez se deva ao fato de no município o índice de investimento na geração de emprego e renda, por parte dos gestores municipais e pelos setores privados, sejam insuficientes para garantia da permanência das pessoas em idade de trabalho no município, afetando diretamente a capacidade de consumo dos que ali reside. Outro fato relevante é a não efetivação plena do único plano de desenvolvimento para o município, que foi elaborado para ser executado nos anos de 1997 a 2001, na época 10.033.000,00 (dez milhões e trinta e três mil reais) que seriam aplicados no fomento ao desenvolvimento agroindustrial e comercial (PMDS, 1997), que tinha como um dos principais objetivos, a permanência da população no município.

A região do RN, com sua distribuição demográfica que reflete uma marcante transição

do rural para o urbano, exemplifica o fenômeno de migração “campo-cidade”, intensificado desde a década de 1970. Este estudo revela como essa tendência é sustentada por um sistema educacional e de trabalho que valoriza o urbano em detrimento do rural, criando um ciclo de aspirações que raramente se reconecta com a terra e as raízes culturais dos indivíduos.

No exame das nuances sociais e demográficas do Rio Grande do Norte (RN), sob a lente aguçada dos teóricos Byung-Chul Han e Guy Debord, este estudo etnográfico desvenda não apenas a estrutura populacional e migratória do estado, mas também se aprofunda na investigação das implicações dessa dinâmica sobre a vida dos jovens em Serrinha, um município emblemático dessa transformação. Han, com sua crítica à sociedade do desempenho e à exaustão psíquica que dela emerge, fornece uma base teórica para compreender o crescente deslocamento em busca de um ideal urbano de sucesso e produtividade. Debord, por sua vez, com sua análise da sociedade do espetáculo, ajuda a decifrar como as imagens e representações da vida urbana influenciam esse êxodo, promovendo uma realidade onde a vida se torna uma série de imagens desejáveis, mas muitas vezes inatingíveis.

Serrinha tem sete estabelecimentos de ensino fundamental dos quais quatro são Núcleos de Escola do Campo implantados em 2012. Porém, não existe nenhum currículo específico ou ação formativa e/ou pedagógica que diferencie o ensino oferecido nesses núcleos.

A escola que fica na sede do município também recebe uma significativa quantidade de alunos vindos de comunidades rurais, e com frequência esses alunos passam por transtornos em relação ao transporte escolar, que chegam a ficar dias sequenciados sem passar nas comunidades, sobre a alegação de estar quebrado.

O município tem apenas uma escola de nível médio que está sobre a responsabilidade do estado.

No caso específico de Serrinha, observa-se uma manifestação clara dessa dinâmica, com uma população que encolhe na medida em que seus jovens partem em busca de oportunidades nas cidades maiores, influenciados pela promessa de uma vida melhor. Aqui, a teoria de Han sobre a sociedade do cansaço se torna visível na exaustão desses jovens que perseguem incessantemente a produtividade e o sucesso. Paralelamente, a teoria do espetáculo de Debord revela como as imagens idealizadas da vida urbana seduzem e movem a população jovem, desvalorizando a vida no campo e suas possibilidades.

### 3 RUMO A UMA EDUCAÇÃO PÓS-HUMANA:

O momento atual é marcado por desafios e mudanças de paradigmas que levam as pessoas a retomar questões milenares da História da humanidade. Questões do campo da filosofia, tais como: Para onde estamos indo? Qual o destino da Humanidade diante das tantas mudanças urgentes? Que caminhos trilharemos? Essas e outras questões guiam o universo de pensamento, cada vez mais frequente, de inúmeras pessoas em todos os espaços da sociedade. E no espaço escolar não poderia ser diferente. Porém, é necessário pontuar que os caminhos da sala de aula e do espaço escolar mudaram muito desde que A República de Platão foi escrita, onde a educação era “um meio crucial para moldar indivíduos virtuosos, preparando-os para papéis específicos na sociedade e contribuindo para a construção de uma comunidade justa.” (Platão,2024).

Na atualidade, o espaço educacional encontra-se enxarcado de construtos externos e internos, que de alguma maneira, aparenta estar mais evidente, tomando o lugar de princípios universais que sempre nortearam o espaço da educação e da escola no imaginário da sociedade. E nesse sentido a pesquisa em questão, traz para o centro elementos da trama cotidiana do espaço escolar, onde indivíduos con-vivem e/ou vivem juntos. Porém nem sempre esse viver junto reverbera a convivência. Em uma luta cotidiana, professores, coordenação pedagógica e direção da escola, vivenciam a disputa com a presença da tecnologia da informação e das IA, resumidamente socializada por meio do celular. Praticamente um objeto conectado ao corpo humano, algo que está acoplado ao indivíduo a semelhança de um parasita que suga energia e atenção continuamente. E é por meio dele que chegam à escola o espaço além escola, O espaço da virtualidade do além fronteiras físicas e geográficas do ambiente escolar.

O estudante arranja meios vários para romper com as proibições e/ou determinações de uso restrito do aparelho e o professor é um ser cada vez mais isolado na sala de aulas, usando ou não tecnologias digitais, sendo ou não inovador em suas práticas pedagógicas, ele o Professor jamais conseguirá atrair a atenção dos filhos da sociedade do espetáculo e do cansaço.

Toda vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos.

Tudo que era diretamente vivido se esvazia na fumaça da representação.

(Debord, p.13, 2003)

Em "A Sociedade do Espetáculo", Guy Debord apresenta uma análise crítica da sociedade contemporânea, destacando a prevalência dos espetáculos como uma característica dominante. A citação em questão enfatiza que a vida nas sociedades modernas, moldadas pelas condições de produção contemporâneas, é percebida como uma extensa acumulação de

espetáculos. O autor sugere que as experiências diretas da vida cotidiana são progressivamente substituídas pela superficialidade da representação, perdendo sua autenticidade. Debord expressa preocupação com a alienação resultante desse fenômeno, onde a realidade autêntica se dissolve na névoa das imagens espetaculares, questionando os impactos disso na compreensão e vivência da existência humana.

Os professores também carregam consigo um aparato tecnológica. A maioria tem um notebook e um celular na bolsa, que hora é usado para atividades docentes e /ou pedagógicas e em outros momentos são usados para outros fins vários. A semelhança do aluno, o professor está encantado e deslumbrado com o universo virtual das Tecnologias da informação e das IA, mais também encontra-se assustado e relutante em vários aspectos. Percebe-se que o medo e a discursiva da dominação de uma inteligência artificial sobre a humanidade é mais aterrorizante para os professores do que para os alunos. No entanto ainda é um universo distante do debate em sala de aulas. Existem uma preocupação muito elevada em gerar proibições de uso de celular, professores aterrorizados com a possibilidade de burlar, que os alunos podem realizar por meio de IA, e falta e/ou são mínimas as ações voltadas para a educação de fato para o uso ético dessas ferramentas na atualidade da escola e na sociedade.

... Mas a questão não é só o que realmente acontecerá no futuro. Outra preocupação é que essa discussão sobre os impactos futuros (distantes) da IA nos distrai dos riscos reais e atuais de sistemas já disponíveis (Coeckelbergh, p.25, 2023).

No livro "Ética na Inteligência Artificial", o autor reflete sobre as preocupações éticas relacionadas à IA destacando a necessidade de considerar não apenas os impactos futuros, mas também os riscos imediatos apresentados pelos sistemas já disponíveis. A citação ressalta a inquietação de que focar excessivamente nos eventos futuros pode distrair a atenção dos desafios éticos presentes. O autor, Coeckelbergh, sugere que é crucial direcionar esforços para compreender e abordar os riscos imediatos associados à implementação atual da inteligência artificial, a fim de garantir uma abordagem ética e responsável em relação a essa tecnologia.

Talvez o professor assim como o aluno esteja entregando suas armas e rendendo-se, diante da percepção de que o espaço escolar, esteja cada dia mais absolvido por uma estrutura de “cinismo burocrático”, onde os fazeres que mais importam são o preenchimento de planilhas físicas e/ou virtuais. Na ritualística do fazer escolar em questão, importa mais um excelente plano de aulas do que uma excelente aula, já que o plano será arquivado e enviado para superiores da estrutura burocrática e a aula quase ninguém irá ver e/ou participar. Por um

motivo muito obvio: O aluno está cansado de si mesmo, do outro, de tudo e o universo do espetáculo da vida se realiza na trama do diferente que atrai pela tela do celular através do Telegram, Instagram, Tiktok e tantos outros. E nesse ambiente o cinismo burocrático reina por meio de um fazer social que promove a indiferença e como referenciou Michael Herzfeld, “...Muitas vezes, a indiferença às aflições de indivíduos e grupos coexiste com ideias igualitários. (Herzfeld, 2016). Aparentemente estamos convivendo em um espaço escolar onde o aluno e o professor encontram-se em uma desilusão amorosa de si mesmo em seus papéis sociais nessa nova estrutura de organização da sociedade. A sociedade disciplinar de Foucault foi substituída pela sociedade de desempenho.

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos de obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos.” (Han, p.23,2022).

Na sociedade do cansaço, a exaustão não é imposta de fora, mas surge internamente devido à sobrecarga de estímulos, demandas e expectativas. A busca incessante pela realização pessoal e profissional, aliada à constante exposição às redes sociais e à competição acirrada, gera um estado de fadiga crônica. Han destaca que, nesse contexto, o cansaço não leva à inatividade, mas a uma forma de hiperatividade na qual as pessoas se sentem compelidas a continuar produzindo e consumindo. E nesse itinerário um antídoto talvez seja possível quando dialogamos com a “confluência e compartilhamento da proposta decolonialista de Antônio Bispo. “cuidado não é troca, é compartilhamento”. (Bispo, 2023). É necessário mais que realizar trocas em espaços escolares, é necessário gerar compartilhamento de vidas e despertar para o outro que está adormecido.

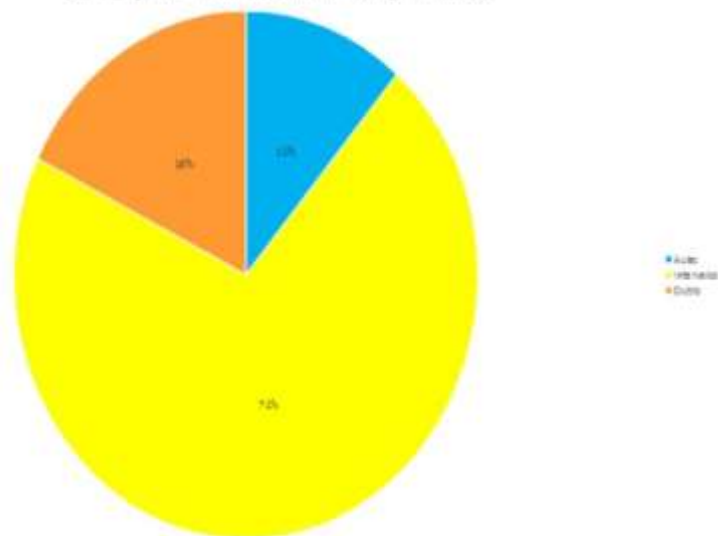
#### 4 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Para realização da pesquisa foram utilizados questionários aplicados em sala, com questões fechadas com três opções de respostas e questionários com questões abertas, somaram-se 62 entrevistas com estudantes da primeira e segunda série do ensino médio integral. Além da aplicação dos questionários, tivemos a observação participante desde o período inicial da implantação da modalidade de ensino, com conversas informais e ações de intervenções em sala de aulas. Nessa escola o ensino foi integralizado gradualmente desde 2022 compondo atualmente duas turmas de primeira, duas de segunda e duas de terceira série do ensino médio integral. As turmas são compostas por alunos da cidade e da zona rural, que entram na escola as 7 horas da manhã, permanecendo até as 16:40 (de fato na escola os alunos permanecem até

15:30). Esse horário sempre sofre alterações em decorrência das demandas do transporte da zona rural.

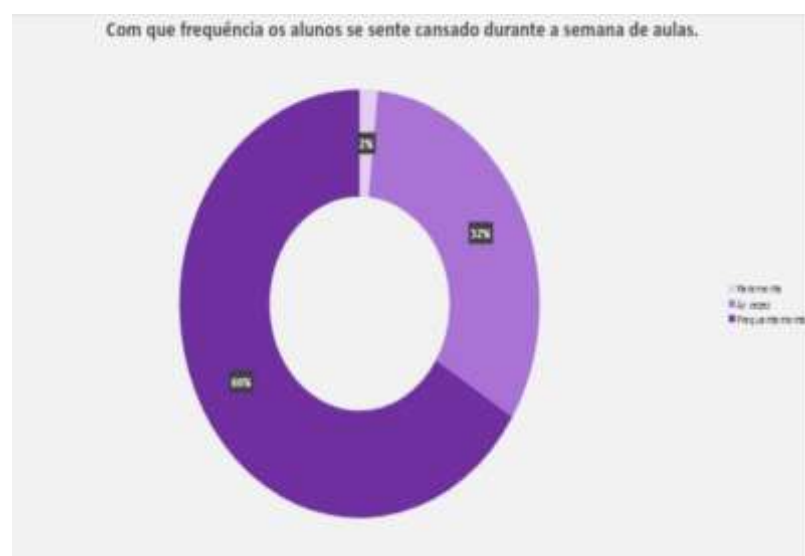
Quando questionado sobre “qual é a parte favorita do dia na escola”, 71% identificam o intervalo como sendo o momento favorito, contra apenas 11% que identificam as aulas como sendo o momento favorito. 18% citaram outros. Seguido de 66% que afirmam se sentirem cansados frequentemente, 49% que não gostam do ensino integral e 52% que afirmam estar muito cansado depois de um dia de aulas no ensino integral.

**Figura 01:** Qual é a parte favorita do dia na escola para o aluno  
Qual é a parte favorita do dia na escola para alunos.



Fonte: elaboração própria.

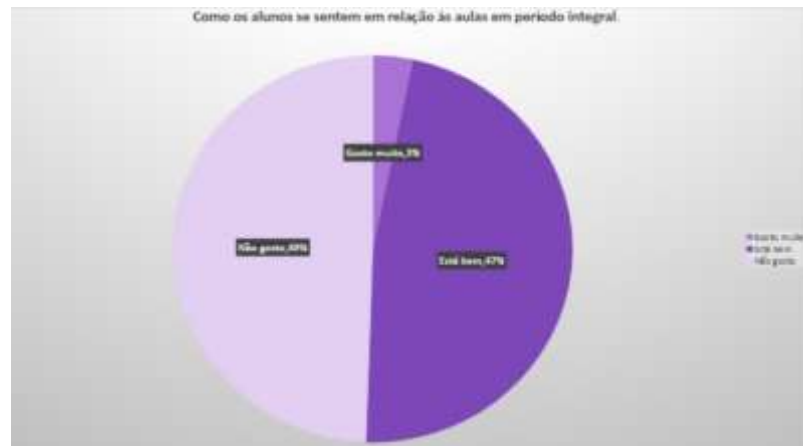
**Figura 02:** Com que frequência os alunos se sentem cansado durante a semana de aulas.



Fonte: elaboração própria.

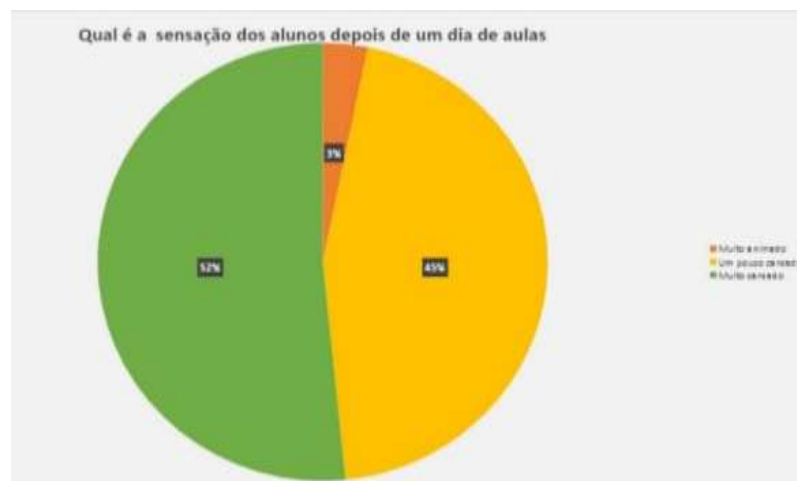
**Figura 03:** Como os alunos se sentem em relação às aulas em período integral





Fonte: elaboração própria.

Figura 04: Como os alunos se sentem em relação às aulas em período integral



Fonte: elaboração própria.

A pesquisa realizada com estudantes do ensino médio integral, utilizando uma metodologia que engloba questionários e entrevistas complementadas por observações participantes e conversas informais, revela elementos profundos sobre a experiência educacional dos alunos. A estrutura do ensino integral, que se estende das 7 horas da manhã até as 16:40, apresenta desafios particulares tanto para alunos da cidade quanto da zona rural, especialmente considerando as constantes alterações de horário devido às demandas do transporte rural. A preferência dos alunos pelo intervalo (71%) em detrimento das aulas (11%) como a parte favorita do dia escolar, juntamente com a expressiva parcela que se sente frequentemente cansada (66%), que não gosta do ensino integral (49%), e que se sente muito cansada após um dia de aulas (52%), fornece uma base rica para análise sob a ótica dos teóricos Byung-Chul Han e Guy Debord.

Podemos interpretar esses dados na ótica de Byung-Chul Han, como um reflexo de sua

teoria sobre a "sociedade do cansaço", onde o esgotamento não deriva apenas do extenso horário escolar, mas também das expectativas de desempenho e produtividade que pesam sobre os jovens. Este cansaço manifesto pode ser visto como um sintoma da pressão para se adequar às demandas de uma sociedade focada no rendimento, levando os alunos a valorizar o intervalo não apenas por ser um tempo livre de obrigações, mas como um momento necessário de recuperação psíquica e física.

É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade. (Han, p.14,2022).

Guy Debord, por sua vez, contribui com a visão da aversão ao modelo integral e no cansaço expresso pelos alunos uma crítica à "sociedade do espetáculo", em que as exigências do ensino integral podem ser percebidas como uma parte do espetáculo da eficiência educacional. Os alunos, nesse contexto, podem sentir que suas vidas escolares são dominadas por uma constante performance, onde o valor é colocado na aparência de estar sempre ocupado e produtivo, em detrimento de uma educação que valorize o engajamento significativo e o bem-estar do estudante.

Todo o tempo consumível da sociedade moderna acaba sendo tratado como matéria-prima de novos produtos diversificados, que se impõem no mercado como empregos do tempo socialmente organizados. (Debord, p.152,2003).

A análise destes dados sugere uma desconexão entre as estruturas e práticas do ensino integral e as necessidades, desejos e bem-estar dos alunos. Propõe-se que a valorização quase unânime do intervalo como momento favorito e a significativa expressão de cansaço e descontentamento com o ensino integral apontam para a necessidade urgente de reavaliar e adaptar o modelo educacional em vigor. Deve-se buscar um equilíbrio que não apenas prepare os alunos academicamente, mas que também respeite e promova seu bem-estar físico e emocional, alinhando-se com uma visão de educação que transcende a simples produtividade e se enraíza no desenvolvimento holístico do indivíduo.

## 5 CONCLUSÕES

A investigação empreendida sobre a experiência dos estudantes em uma escola de ensino médio integral revelou dados significativos sobre a percepção do modelo educacional adotado. Através da metodologia que combinou questionários, entrevistas e observação participante, foi possível identificar uma clara tendência de insatisfação entre os alunos, expressa principalmente pela preferência pelo intervalo como parte favorita do dia, sentimentos de cansaço e uma visão crítica em relação ao ensino integral. Estes resultados sugerem uma discrepância fundamental entre as intenções pedagógicas do ensino integral e as experiências vividas pelos alunos, marcadas por uma sensação de exaustão e falta de engajamento com as atividades propostas.

A análise, embasada nas perspectivas teóricas de Byung-Chul Han e Guy Debord, permitiu compreender essa situação como reflexo de dinâmicas sociais mais amplas, que valorizam a produtividade e a eficiência em detrimento do bem-estar e do desenvolvimento pessoal. Essa configuração cria um ambiente educacional onde o tempo de inatividade e o lazer, representados aqui pelo intervalo, tornam-se os momentos mais valorizados pelos alunos, não apenas por serem períodos de descanso, mas como respiros essenciais em um cotidiano percebido como exaustivo e, muitas vezes, desprovido de significado.

Diante disso, conclui-se que é imperativo repensar o modelo de ensino médio integral em questão, buscando estratégias que alinhem as demandas acadêmicas com as necessidades físicas e emocionais dos estudantes. Isso implica na adoção de práticas pedagógicas que promovam o engajamento significativo, respeitando os ritmos individuais de aprendizado e incentivando uma educação que ultrapasse a mera transmissão de conteúdo para abraçar uma formação integral do ser humano. Sugerem-se, portanto, ajustes no planejamento das atividades escolares, a inclusão de pausas mais frequentes e prolongadas, além da incorporação de metodologias ativas que estimulem a participação e o interesse dos alunos, transformando a experiência educacional em uma jornada enriquecedora e menos cansativa.

Por fim, este estudo destaca a necessidade de um diálogo contínuo entre educadores, alunos e a comunidade escolar, visando a construção conjunta de um ambiente educacional que seja verdadeiramente inclusivo, estimulante e adaptado às realidades e necessidades de todos os envolvidos. Apenas através de um compromisso com a reavaliação constante e a adaptação das práticas pedagógicas será possível superar os desafios identificados e caminhar em direção a uma educação que celebre o desenvolvimento integral dos alunos como seu objetivo primordial.

## REFERÊNCIAS

SANTOS, A.B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023

COECKELBERGH, M. **Ética na inteligência artificial**. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2023

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HERZFELD, Michael. **A produção social da indiferença: explorando as raízes simbólicas da burocracia ocidental**. Michel Herzfeld; tradução de Flavio Gordon. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. - (Coleção Antropologia)

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados das Cidades e Estados do Brasil, 2024**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 jan. 2024.